

Pessoa breve

FERNANDO PESSOA

CANCIONEIRO
UMA ANTOLOGIA

edição

FERNANDO CABRAL MARTINS
RICHARD ZENITH

ASSÍRIO & ALVIM

PREFÁCIO

Foi por volta de 1915 que Fernando Pessoa chegou ao título de *Cancioneiro* para designar uma grande coletânea de poemas soltos assinados com o seu próprio nome. Ponderou outros títulos concorrentes, como *Exílio* e *Itinerário*, que se desvaneceram ou passaram a designar outros tipos de livros. *Cancioneiro* foi-se impondo para a poesia lírica e, no terceiro número da revista *Athena*, datado de dezembro de 1924, Pessoa publicou catorze poemas seus como sendo «de um Cancioneiro». Alguns já tinham aparecido noutras revistas e um deles, «Sol nulo dos dias vãos», seria objeto de uma terceira publicação, em 1930. Tratava-se, manifestamente, de poemas soltos. Tinham em comum o facto de serem canções, com rima e uma métrica regular, mas os cenários e temas variavam.

Numa carta enviada em 28/7/1932, Pessoa explicou que *Cancioneiro* era um título conveniente por ser vago, ou «inexpressivo», podendo um livro assim chamado reunir «vários dos muitos poemas soltos que tenho, e que são por natureza inclassificáveis salvo de essa maneira inexpressiva». Ficou claro, nos seus numerosos planos de publicação, que *Portugal* (afinal intitulado *Mensagem*) e outros poemas de índole patriótica teriam edições próprias. Menos clara era a intenção que nutria em relação aos seus poemas esotéricos. Dado partilharem uma temática comum, é muito possível que Pessoa os tivesse publicado num

livro à parte, sendo este o procedimento adotado na coleção PESSOA BREVE. Assim, a poesia em português subscrita pelo nome de Fernando Pessoa divide-se em três volumes: um que reúne poemas esotéricos e de busca espiritual, desde «Além Deus» e «Passos da Cruz» até «No Túmulo de Christian Rosencreutz»; outro que inclui *Mensagem* e outros poemas relacionados com a história, a política e a cultura portuguesas; e o presente *Cancioneiro*. Este último será mais diversificado do que o livro imaginado por Pessoa, pois acolhe alguns poemas metricamente irregulares ou demasiadamente extensos para serem classificados como canções. Contudo, mesmo os poemas formalmente atípicos são ditos, de um modo geral, na primeira pessoa por um eu poético que reconhecemos como Fernando Pessoa, o «ortónimo».

Foi bastante tarde, numa «Tábua Bibliográfica» publicada em 1928, que Pessoa redefiniu a palavra *heterónimo* (que já existia, mas com outro sentido) para designar obras suas escritas «fora da sua pessoa» e inventou o termo *ortónimo* para qualificar obras assinadas com o próprio nome. Nunca usou o segundo termo como substantivo, mas tornou-se comum falar em «ortónimo» para designar Pessoa ele mesmo, um escritor-personagem que contracena com os heterónimos e que não é igual ao Fernando Pessoa «civil». O escritor parece autorizar esta noção, pois afirma não saber se ele, Pessoa, é mais ou menos real do que os heterónimos com que supostamente convive, sendo Alberto Caeiro o mestre de todos, Pessoa incluído. E garante que o poeta que vai sendo — em versos ditos por Caeiro, Reis e Campos ou pela sua própria voz — será sempre um fingidor. Mas qual é o Fernando Pessoa que nos faz essas afirmações? É o escritor-personagem ou

o homem de bigode e óculos que morreu em Lisboa em 1935? Ou por outra: se o Pessoa-ortónimo é também uma personalidade literária, com o mesmo estatuto dos heterónimos, o autor-inventor de todos eles não será o Fernando Pessoa que se sentava a uma mesa com um cigarro na mão? Neste caso, haverá dois Pessoas que escrevem, um dos quais dependente do outro.

Com o seu jogo de «bonecas russas», Pessoa evita ficar preso a uma identidade fixa, que seria obrigatoriamente falsa, uma vez que o eu é sempre instável, em fluxo — segundo a sua maneira de pensar. Por isso mesmo, convém evitarmos uma rígida dicotomia entre o Pessoa-escritor e o Pessoa-cidadão. Se bem que ele próprio forneça argumentos que a parecem justificar, nunca chega a propor uma tal dicotomia, nem chega a qualquer conclusão sobre quem é e como é. Vive e escreve, fingindo e transformando. Há também fingimento nas suas autointerpretações. A evidência dos poemas, no entanto, sugere que Pessoa ele mesmo talvez não seja tão *fingido* como os heterónimos. Ou melhor: o fingimento será de outra ordem.

Há passagens fortemente autobiográficas nos heterónimos, sobretudo em Álvaro de Campos («Aniversário»), mas a poesia ortónima é a que nasce mais diretamente do que Pessoa «deveras sente» («Autopsicografia»). É por este motivo — por usar e abusar da substância da sua vida em prol da sua escrita — que ele nos alerta para o perigo de se confundir literatura com biografia. Terá tido saudades do passado, por exemplo, mas exagerava-as, convertendo-as em «atitudes literárias», segundo explicou numa carta a João Gaspar Simões enviada em 11/12/1931. Dito isso, é forçoso reconhecer que a poesia ortónima constitui um testemunho

precioso sobre Fernando Pessoa enquanto cidadão do mundo, ser humano que sente e pensa, escritor que sonha alto e alma à deriva no desconhecido. É esta poesia (e não a dos heterónimos) que opina sobre a política e fala da história passada e futura de Portugal, e é ela que vai à procura de verdades ocultas. Estas duas vertentes da sua obra poética (que merecem volumes separados nesta coleção, como já foi dito) correspondem a interesses que apaixonavam o *homem* Fernando Pessoa. E há outros aspetos desse homem que o presente *Cancioneiro* ilumina.

A ardente ambição do jovem escritor — exprimir na sua obra, antes de morrer, tudo que sente — transparece no primeiro poema deste volume, «A Keats», um dos primeiros poemas acabados que escreveu, já adulto. Excetuando alguns esboços de poemas políticos, contra a monarquia, Pessoa versejou exclusivamente em inglês durante três anos, após o seu regresso de Durban a Lisboa, em setembro de 1905. O poema de homenagem ao poeta romântico inglês marca uma transição. Pessoa reconhece a sua enorme dívida para com a poesia inglesa, mas passa a escrever em português, como se intuísse que só na língua materna poderia realizar a sua declarada ambição. Durante toda a década seguinte continuaria a compor muita poesia em inglês, mas é curioso notar que Alexander Search, poeta anglófono muito prolífico entre 1906 e 1908, começa a sair de cena precisamente no momento em que nela entra o poeta que escreve em português. «A Keats» e os outros poemas em língua portuguesa surgidos em novembro de 1908 não eram especialmente bons, mas o poeta evoluiu rapidamente. «Dorme sobre o meu seio», que faz parte da

escolha publicada por Pessoa na revista *Athena* 3, foi escrito em 1909 e o justamente famoso «Ó sino da minha aldeia», perfeito no seu género, data de 1911.

A partir de 1913, Pessoa protagonizou um curto mas intenso período de movimentos assumidamente vanguardistas, quase todos refletidos na sua produção ortónima. O poema «Pauis», publicado juntamente com «Ó sino da minha aldeia» em 1914, foi escrito e circulou entre os amigos de Pessoa já no ano anterior. Deu nome à estética conhecida como Paulismo, uma espécie de simbolismo exacerbado, também patente em alguns textos em prosa da mesma altura: «Na Floresta do Alheamento» (1913), por exemplo, ou a peça *O Marinheiro*, publicada no primeiro número de *Orpheu* (1915), revista que assinalou a entrada do Modernismo literário em Portugal. Os seis poemas de «Chuva Oblíqua», escritos em 1914 (e publicados um ano depois, em *Orpheu* 2), são o mais conseguido exemplo de Interseccionismo, outra corrente inventada por Pessoa, que se inspirou parcialmente no Cubismo.

Quanto ao Futurismo, Pessoa ele mesmo não tem nada nem remotamente parecido com a «Ode Triunfal» (*Orpheu* 1) de Álvaro de Campos, o maior expoente literário do género em Portugal. Curioso, no entanto, é o caso do poema «A Casa Branca Nau Preta», publicado num jornal de Faro, em 1917, numa secção intitulada precisamente «Futurismo». Sem a velocidade ou a energia associadas ao movimento fundado por Marinetti, o poema recorda antes o Álvaro de Campos extenuado, abúlico, e tem sido frequentemente publicado como composição sua. No entanto, foi subscrito por «Fernando Pessoa, Diretor de *Orpheu*»

e com ampla razão, pois tem elementos do Interseccionismo e do Paulismo que encontramos em obras publicadas no seu próprio nome. De facto, os vários ismos promovidos e praticados por Pessoa tendiam a fundir-se num outro, o Sensacionismo, o mais abrangente e duradouro de todos.

Dentro do universo de Pessoa, o poeta mais obviamente sensacionista é Campos, com o seu lema «Sentir tudo de todas as maneiras», mas já no poema «A Keats», o Pessoa-ortónimo ansiava por «dizer ao mundo» o seu «sentir atónito e profundo!». E um poema de 1930 também incluído no presente *Cancioneiro* começa por «Ah, sentir tudo de todos / Os feitos!». Campos e Pessoa, que no início pareciam tão diferentes, vão-se confundindo com a passagem dos anos. Deixando para trás as preocupações vanguardistas, Pessoa, na poesia assinada por si próprio, aprofunda as reflexões sobre o seu estar no mundo e o que significa ser alguém, ou muitos, ou ninguém. E Álvaro de Campos, de forma mais dramática, faz as mesmas indagações. Os outros heterónimos vão-se calando (Caeiro) ou perdem fôlego (Reis).

Chega o ano de 1935 e parte-se qualquer coisa: o volante da máquina poética de Pessoa. Ainda passa os dias a escrever, pois sem isso não saberia viver, mas o sistema heteronímico — tal como descrito numa longa carta enviada a Adolfo Casais Monteiro em 13/1/1935 — já está, de certo modo, ultrapassado. E a produção ortónima, que Pessoa definira como sendo tudo o que não era heterónimo, sofre uma transformação radical. Estas classificações deixam de fazer tanto sentido como antes. Pessoa o escritor continua a ser muitos (com «várias subpersonalidades»,

mencionadas na referida carta) e a viajar literariamente, mas por outros caminhos. Quase deixa de escrever poemas curtos e concentrados que rimam e obedecem a uma métrica certa, rompendo com o modelo-tipo que lhe serviu para a poesia ortónima durante 25 anos. Porque se cansou? Talvez em parte.

A conjuntura política teve, certamente, um efeito perturbador na escrita de Pessoa. Nunca tinha gostado de António de Oliveira Salazar, mas em fevereiro de 1935, quando este defendeu a restrição da liberdade de expressão não apenas na imprensa mas também em produções artísticas e intelectuais, o escritor passou a detestá-lo e a desprezar por completo o Estado Novo. Durante o resto do ano, que para si seria o último, dedicou boa parte da sua energia poética a denunciar, com um sarcasmo arrasador, o estadista e o seu governo. Alguns desses poemas antissalazaristas figuram no volume *PESSOA BREVE* consagrado à poesia sobre Portugal. No presente volume, publica-se apenas o primeiro, «Liberdade», que, muito mais do que limitar-se a denunciar a estreiteza mental promulgada pelo chefe do Estado, se serve da ironia para fazer uma crítica complexa e sofisticada dessa estreiteza e contém vários níveis de leitura. Inaugura, ao mesmo tempo, uma viragem estilística na poesia do autor. Com efeito, a liberdade do título reflete-se na própria composição formal do poema. Os seus versos, embora marcando um ritmo, têm uma extensão variável, sem obedecerem a qualquer esquema, e a rima também resiste a um padrão fixo.

Dir-se-ia que Pessoa, em protesto contra um regime decidido a pôr entraves à expressão artística e intelectual, resolveu abolir as regras que podia: aquelas que ditavam a sua maneira

de fazer versos ortónimos. A liberdade formal que abraçou nesse poema, escrito a 16 de março, reaparece nos longos poemas em homenagem aos santos populares, escritos em junho (incluídos no volume de poemas sobre Portugal), e de novo em «*Un Soir à Lima*», uma espécie de canto de cisne — escrito dois meses antes de morrer —, que recorda a sua família, em Durban, com rara emoção.

Outra composição singular do último ano foi escrita a 9 de abril: «Azul, azul, azul, o mar fraqueja». Neste poema, aqui publicado na íntegra pela primeira vez, os versos de extensão variável e rima livre como que recortam a linha irregular do mar sobre as areias da praia. O eu poético, que olha para o vasto oceano e pergunta «Que fiz da vida?», quase poderia ser Álvaro de Campos. O próprio estilo, aliás, é um cruzamento entre o versilibrismo de um e o verso regrado e rimado que sempre caracterizara a poesia do outro. A rima ficou, mas agora é livre, tudo é livre. Pode dizer-se que este estilo não é nem carne nem peixe, que é «relaxado», mas após várias décadas de poetizar com «disciplina», o autor soube utilizá-lo com uma eficácia impressionante. Fazendo uma leitura atenta de «Azul, azul, azul», encontramos nos seus ondedados versos a dor, a dúvida, a ânsia de sentir, o querer ver tudo, o tempo antigo que retorna, a consciência aguda, a incerteza e a instabilidade das coisas, a estranha vastidão, a permanente insuficiência, o pressentimento do além, o vivido e o não vivido, o amor que não houve e o amor ainda por haver, o intervalo, o sonho e o mar sempre — em suma, praticamente todos os grandes temas do Pessoa ortónimo, heterónimo, poeta fingidor e simples homem sozinho no mundo.

O receio que Fernando Pessoa tinha, em 1908, de não conseguir dar adequada expressão poética a tudo que a sua alma sentia revelou-se injustificado. Como facilmente podemos comprovar, lendo-o.

CANÇÃO DE OUTONO

No entardecer da terra
O sopro do longo outono
Amareleceu o chão.
Um vago vento erra,
Como um sonho mau num sono,
Na lívida solidão.

Soergue as folhas, e pausa
As folhas, e volve, e revolve,
E esvai-se inda outra vez.
Mas a folha não repousa,
E o vento lívido volve
E expira na lividez.

Eu já não sou quem era;
O que eu sonhei, morri-o;
E até do que hoje sou
Amanhã direi, Quem dera
Volver a sê-lo!... Mais frio
O vento vago voltou.

15-5-1910

Ó sino da minha aldeia,
Dolente na tarde calma,
Cada tua badalada
Soa dentro da minha alma.

E é tão lento o teu soar,
Tão como triste da vida,
Que já a primeira pancada
Tem o som de repetida.

Por mais que me tanjas perto,
Quando passo, sempre errante,
És para mim como um sonho,
Soas-me na alma distante.

A cada pancada tua,
Vibrante no céu aberto,
Sinto mais longe o passado,
Sinto a saudade mais perto.

8-4-1911

O BIBLIÓFILO

Ó ambições!... Como eu quisera ser
Um pobre bibliófilo parado
Sobre o eterno fólio desdobrado
E sem mais na consciência de viver.

Podia a primavera enverdecer
E eu sempre sobre o livro recurvado
Sorriria a um arcaico passado
De uma medieval moça e qualquer.

A vida não perdia nem ganhava
Nada por mim, nenhum gesto meu dava
Um gesto mais ao seu Amor profundo.

E eu lia, a testa contra a luz acesa,
Sem nada querer ser com a beleza
E sem nada ter sido com o mundo.

29-12-1911